

**UM CONFLITO DE MEMÓRIAS:
A MEMÓRIA SINGULAR EM LUTA COM A MEMÓRIA CULTURAL**
(Leitura da *Escola das Mulheres* de Molière)

Philippe Willemart*

RESUMO: *A concepção do inconsciente de Lacan engloba o inconsciente freudiano e permite ultrapassar as leituras redutoras das obras literárias como o propomos para a análise da Escola das mulheres de Molière. A peça revela um conflito de memórias onde uma, a de uma personagem, está bloqueada sobre uma palavra que o desenrolar da intriga esvazia pouco a pouco a fim de que esta memória singular e neurótica reintegre a memória cultural.*

PALAVRAS-CHAVE: *Molière, Édipo, linguagem, memória, inconsciente*

Diferenciar o complexo de Édipo do mito permite definir o além do complexo de Édipo elaborado por Jacques Lacan na sua releitura de Freud e ajuda o crítico a não reduzir a obra literária a uma simples aplicação do Édipo freudiano, mas, pelo contrário, a descobrir “parâmetros escondidos” (Thom, 1983:83) que definem a singularidade da obra.

O mito é sempre uma história ou uma lenda coletiva, sem autor individual, atemporal, com caráter de ficção que tenta conciliar verdades (ou consistências imaginárias) que não podem coexistir (Lacan, 1994:369)¹. Dois exemplos ilustram esse conceito: o mito de Édipo e as teorias da sexualidade das crianças. O primeiro concilia assassinato, incesto e casamento - Laio assassinado e Jocasta casando com o filho -, vontade dos deuses e vontade dos homens; fatos que, embora incoerentes, são parecidos ou pelo menos tem uma relação comum (Lacan, 1994:255)². O segundo, as teorias da sexualidade das crianças, tenta conciliar a chegada de um irmão com o amor da mãe ou do pai (Freud, 1923:92). A criança deseja continuar a ser a única amada e não tolera a vinda de um segundo filho; nesta aparente incoerência, a

* Universidade de São Paulo.

1 “espèce de contradiction interne qui nous fait souvent supposer dans les mythes qu’il y a incohérence, confusion de deux histoires, alors qu’en réalité, l’auteur, qu’il s’agisse d’Homère ou du petit Hans, est en proie à une contradiction qui est simplement celle de deux registres essentiellement différents”.

2 “un inceste et un meurtre sont choses équivalentes, transformation aperçue par l’étude structurale des mythes ... inceste à la première génération, frères jumeaux à la seconde (d’où meurtre de Polynice chez Antigone)”.

WILLEMART, Philippe. *Um conflito de memórias: A memória singular em luta com a memória cultural (Leitura da Escola das Mulheres de Molière)*

situação é parecida com o mito. A literatura universal exemplifica estas teorias: Jesus é concebido pela palavra do anjo Gabriel na *Bíblia*; a personagem Gargantua nasce pelo ouvido no primeiro livro de Rabelais; a inocente Agnès admite a origem auricular das crianças na *Escola das Mulheres* de Molière; mas, como o relata Freud, existem outras lucubrações que determinam o nascimento pelo seio, pelo intestino, pela cegonha, etc. que são inventadas para mascarar as relações sexuais entre os pais.

AS RELAÇÕES ENTRE O MITO E O COMPLEXO

O complexo não decorre de uma história coletiva sem autor reconhecido e fora do tempo como o mito. O complexo de Édipo, particularmente, como todos os outros complexos, sempre é individual e designa, “uma estrutura fundamental de relações pessoais e a maneira com a qual a pessoa encontra seu lugar na estrutura, isto é, entre o pai e a mãe, e se firma nela” (Laplanche, 1973:73). Diria que o mito dá a matéria e o sujeito dá o sentido como as lendas da Bretanha deram a matéria dos romances de Chrétien de Troyes e o autor lhes deu a forma.

O QUE O COMPLEXO PEDE EMPRESTADO AO MITO DE ÉDIPO

O mito encena os três personagens indispensáveis, Édipo, Laio e Jocasta e salienta a ignorância de Édipo, que mais tarde será identificada com o inconsciente. Édipo, não querendo se submeter ao destino que lhe dizia que iria matar o pai e desposar a mãe, foge de Corinto, terra de seus pais adotivos, o que ele ignorava; sem saber executa o oráculo.

A ignorância da origem verdadeira ou de uma memória particular provocou o drama. Édipo, embora avisado, não quis saber de sua verdadeira origem, preferiu acreditar na paternidade de Polybe e fugiu. Não foi a fundo na procura da verdade e assim, foi enganado e obedeceu ao oráculo.

Houve deslocamento da origem aliado a um não querer saber a verdade. Édipo achava que sua história começava com Polybe e Merope e ignorou a etapa da vida que ia de sua concepção até três dias (Sófocles. 1988:222); em outras palavras, esqueceu uma de suas memórias, evitou uma das variáveis essenciais de sua história, não querendo saber de seus verdadeiros genitores; trocou de pais e de pais.

Cego e iludido, fazendo de conta que não existia essa etapa, isto é, tendo um ponto cego na sua história porque não prestou atenção à palavra de um homem bêbado que o chamou de “criança suposta” (Sófocles. 1988:224), vivendo na ilusão e no Imaginário de uma filiação verdadeira embora adotiva, sentado num falso parentesco, deslocado no Simbólico,

mata um estrangeiro no caminho de Tebas, enfrenta a Esfinge, libera Tebas da peste e casa com sua mãe Jocasta.

Édipo tinha uma leitura exata dos acontecimentos de sua vida, mas seu ângulo de visão estava estreito demais e não abrangia a totalidade de sua história. A etapa ou a memória burlada e escondida lhe teria oferecido uma interpretação exata de seu destino, mas não o sabendo, deixou-se levar por esse tempo ignorado e cumpriu o oráculo.

Relendo assim o mito, posso destacar elementos essenciais que serão recuperados no complexo de Édipo:

1) Parece claro que o mito é baseado no desconhecimento de um período da vida que recobre a vida sexual dos pais relacionada com o nascimento do filho. 2) essa ignorância cultivada, provoca uma inversão na conduta humana: o homem apesar de sua pretensão de guiar seu destino, é guiado e faz o que ele não quer. 3) Édipo, sabendo a verdade e a revelando para todos, provoca o suicídio de Jocasta, arranca seus olhos que o enganaram “para não ver, nem o mal que sofri, nem aquele que eu causei” (Sófocles.1988:242) e segue seu destino acompanhado de suas filhas, abandonando a situação falsa na qual se encontrava. Forçado a conhecer seu verdadeiro passado ou todas suas memórias, ele prefere cegar o resto da realidade e andar inteiramente na escuridão, desconfiando de seus olhos e do olhar enganador que não dimensiona suficientemente os fatos.

O complexo de Édipo trata portanto desta etapa da vida antes do nascimento que depende das relações sexuais entre os pais e que é lembrada na ocasião do nascimento de um irmão/ã ou de um primo/a. A criança tenta conciliar os fatos - a realidade do nascimento - com o desejo de ser a única amada pelos pais e, especialmente, pela mãe. Freud descobriu assim uma das chaves que explica, mas não cura necessariamente, muitas neuroses, psicoses e perversões. De fato, muitos comportamentos, angústias, relatos de sonhos, contos e romances, encontram uma explicação possível nessas relações extremamente complexas entre os pais e a criança.

Freud distingue a fase pré-genital e a fase genital, fases que observamos facilmente nos filhos e sobrinhos. A primeira se manifesta quando a criança de três anos em geral chama a mãe de “florzinha”, “algodão doce”, “minha verdurinha”, “minha mulher”, se queixa que a mãe fica muito tempo no quarto com o pai ou o expulsa da cama, entrando em conflito aberto com ele. “Ele acha que pode satisfazer a mãe, como criança e quanto ao desejo dela”. (Lacan.1994:225)

Esta fase termina quando percebe a pequenez de seu pênis, ao ocorrerem as primeiras masturbações, e constata que não tem condições de brigar com o pai. A saída do complexo de Édipo é fácil de entender. Já que essas fases pré-genital e genital consistem em imaginar uma relação incestuosa com a mãe, a saída se resume na instalação da lei fundamental proibindo o incesto, “lei recalçada no inconsciente /.../ (e a instalação) da consciência moral que

WILLEMART, Philippe. *Um conflito de memórias: A memória singular em luta com a memória cultural (Leitura da Escola das Mulheres de Molière)*

se chama superego ou supereu” (Lacan, 1994:201). A resolução do complexo de Édipo decorre portanto da posição da criança em relação ao pai e o que ele representa, a lei.

E para a menina? “a realização de seu sexo não se faz de uma maneira simétrica a do homem, isto é, não se faz por uma identificação com a mãe em relação ao objeto paterno, mas pelo contrário, pela identificação imaginária ao objeto paterno /.../ o que é um desvio suplementar” (Lacan, 1991:17).

PORQUE NÃO MANTER A CONCEPÇÃO FREUDIANA?

Não é porque não funciona. O complexo de Édipo nas suas múltiplas variações é a base da clínica psicanalítica e continua sendo um instrumental eficaz da cura até um certo ponto. A maioria dos analisandos está realmente com problemas a partir da resolução incompleta das relações com os pais e com este período antes do nascimento, mas não talvez nas mesmas circunstâncias vividas pelos analisandos de Freud. Daniel Sibony evoca a mudança sofrida nessa segunda parte do século XX: “Não se trata mais de liberar uma mensagem: Você quer matar seu pai!, mas de reconstruir o vasto complexo de espaços que são para o analisando lugares de impedimentos nos quais o medo de se expor, de ficar na frente, evoca o medo de ser castrado, e, portanto, todo o complexo paterno” (Sibony, 1992:182). A angústia que decorre desta não-resolução, provoca as neuroses que conhecemos desde a fobia até a histeria, passando pela neurose obsessiva, etc.

Mas aqui, não se trata de clínica, mas de literatura. Trabalhar com o complexo de Édipo na análise dos textos leva fatalmente a reencontrar o que procuramos, mesmo se a forma ou a maneira de dizer é diferente.

Charles Mauron, o criador da psicocrítica, analisou o cômico em Molière e, com certa razão, leu as comédias de Molière como uma luta de gerações dos velhos contra os jovens.

A Escola das Mulheres (1662) foi encenada em São Paulo com Jorge Doria no papel de Arnolphe em 1987. Arnolphe, de 42 anos, e Horace, de 20 anos, lutam para conquistar Agnès, de 16 anos, educada pelo primeiro desde os quatro anos, mas desejada por ambos.

O jovem, ajudado pelas circunstâncias, consegue evidentemente seu objetivo e Arnolphe é obrigado a reconhecer a vaidade de seu projeto. Mauron suspeita de uma tentativa de incesto por parte de Arnolphe, não sem razão, que acrescida do fracasso geral de sua autoridade moral, desenha uma personagem adulta infantilizada que, por isso, provoca o riso do público. Habitados a respeitar senão a curvar-se frente à autoridade (os pais, a polícia, o prefeito, o professor, as normas, a lei, etc.), os espectadores riem da personagem enganada que representa esta autoridade.

Onde está o Édipo?

Mauron responde: 1) “enquanto que na realidade, o filho perturba o amor dos pais, na comédia, assistimos a uma inversão; é o pai libidinoso que, incapaz de controlar seus apetites, perturba o amor dos filhos; é despojado de seus atributos e degradado até o estado de filho (Mauron, 1964:59);

2) “O incesto é representado por uma rivalidade amorosa entre pai e filho, que vale ao pai uma paulada dada por domésticos”(Mauron,1964:60);

3) “O parricídio é representado pela derrota do pai que perde a mulher” (Mauron, 1964:61) e às vezes a fortuna.

Isto é, os elementos do complexo estão lá, mas deslocados. Aquele que representa a lei não respeita a lei do incesto, o que é engraçado e gera uma espécie de humor!

A leitura de Mauron das comédias de Molière e de muitos predecessores latinos e gregos, é certamente esclarecedora, mas assim fazendo, Mauron suprime a riqueza de cada peça, reduz consideravelmente o valor de cada uma e cai na armadilha na qual caíem muitos psicanalistas e literários que pretendem aplicar a psicanálise à literatura: reduzir os contos e romances à resolução do complexo de Édipo do escritor ou das personagens.

Como ler então *a Escola das Mulheres*, de um ponto de visto psicanalítico ? Não pretendo indicar a leitura, mas oferecer uma leitura possível.

Por um lado, não podemos negar a contribuição de Mauron, que por mais restrita que seja, ilumina a crítica, mas por outro lado, não ficamos satisfeitos e queremos um outro ponto de partida.

Será que há aqui uma realização singular do Édipo? O que não funciona e claudica nas relações entre personagens?

Primeiro, quem praticaria o incesto não é o jovem Horace, mas Arnolphe com o segundo nome escolhido: M.de la Souche, nome conhecido apenas de Chrysalde, dos domésticos e de Agnès. Seria um incesto pai-filha cobrindo um incesto mãe-filho, com o agravante que Arnolphe não ignora absolutamente a situação de Agnès.

Segundo, além de não ser o filho, mas sim um filho, o nome duplo de Arnolphe e a idade de Agnès enganam Horace.

Terceiro, quem apanha, é ferido ou morto não é Arnolphe, mas M.de la Souche.

O público tanto quanto Chrysalde, o amigo de Arnolphe, estão a par da duplicidade de nome e da situação de Arnolphe, mas enquanto o primeiro toma partido do respeitável Arnolphe, o público, incentivado pelas apartes, toma partido, quase sem saber, por M. de la Souche, como se havia convivência entre M.de la Souche e os espectadores.

A genialidade de Molière nesta peça não consiste em oferecer um Édipo especial, mas inventar um nome duplo para Arnolphe, situação da qual decorrem duas conseqüências:

1) Insinua uma divisão na personagem Arnolphe, que mostra a convivência com o adulto de uma criança libidinosa que despreza as leis da sociedade e pretende exercer seu desejo às custas da jovem Agnès. Essa criação parece inédita na literatura;

2) Insiste na história do nome escolhido “por acaso”. Essa escolha é sintomática e genial ao mesmo tempo se entendermos o sentido de “la souche” em francês. “La souche”, traduzido por cepa ou tronco em português, é a parte da árvore enterrada com as raízes, a que suga a terra para transmitir forças e vida à árvore. A mesma palavra faz parte das expressões “faire souche”, criar uma descendência ou “de souche indo-européenne”, de origem indo-europeia, que fazem alusão à origem ou a um início.

De propósito ou não, Molière escolheu um nome adequado que tem a ver com a origem, a mãe, o começo da vida, a transmissão da vida ou o “mistério” da geração, como se pensava ainda até o século XVIII^o (Lacan, inédito: 10)³. A linguagem fala mais do que pensava Molière provavelmente. Já Montaigne, bem antes de Vico e Herder, pressentia que a maioria das palavras e locuções são tropas apagadas (Friedrich, 1968:383).

Quem está se interrogando sobre suas origens, este tempo de vida que antecedeu seu nascimento, como Édipo ou quem está com desejo de reviver ou viver uma relação íntima, para não dizer incestuosa com a mãe, não podia escolher melhor nome do que este.

É só agora que podemos entender a relação edipiana de M. de la Souche. É realmente uma relação mãe-filho, sendo que o segundo nome representa uma criança que quer imitar o pai com a mãe e “devorá-la”. O problema é que o nome Arnolphe, que representa o pai, é a mesma personagem. A luta é interna e Agnès uma psicanalista bem involuntária já que ela permite a seu pai adotivo de externar “de la Souche”.

Reparamos que partimos não como Mauron de uma inversão de papéis no Édipo, a saber de uma troca de posição de pai para filho e de uma infantilização decorrente do pai, mas da análise dos nomes da personagem. A linguagem sedimentada pela tradição nos ofereceu uma interpretação mais segura do que a análise da situação das personagens no triângulo edipiano.

Reencontramos o complexo de Édipo, sim, mas numa só personagem sem necessidade de malabarismo e de confusão entre a figura da mãe e Agnès, que não tem nenhum traço materno para Arnolphe, sem fazer de Horace um filho concorrente do pai para a conquista da mãe e, enfim, sem assimilar a paulada levada por Arnolphe dos domésticos a um parricídio.

Há realmente, como Mauron o sublinha, duas histórias cruzadas, a de Arnolphe “de la Souche” e a intriga amorosa de Agnès e de Horace, só que a história de Arnolphe se trava com seus fantasmas e não com Agnès, que nem se preocupa com seu pai adotivo.

3 Maupeituis, diretor da Academia Real de Berlim no reino de Frédéricico da Prússia, apresentou *La Vénus Physique* em 1756. Esta conferência testemunha, diz Lacan, “do tempo que levaram estas bestas falantes que são os homens /.../ para se dar conta do específico da reprodução sexual”.

Enquanto o nível de linguagem dos dois amantes é galante e cortês, mesmo se a inocência de Agnès permite algumas atitudes ousadas como se deixar acariciar o braço, o nível de linguagem de Arnolphe é bastante ambíguo porque o “de la Souche” está sempre em contraponto da fala da personagem. Como o salientou bem Mauron, mas sem fazer a relação com os nomes da personagem, o cômico da grande comédia de Molière se deve a esta ambigüidade da linguagem dividida entre o escabroso da farsa e o galante da intriga amorosa. O público escolhe involuntariamente ou inconscientemente de que lado inclina a fala de Arnolphe e ri, às vezes, da gozação da autoridade, às vezes, da inconveniência “inter-dita” nas palavras.

Nossa interpretação não se deteve no sentido aparente de uma relação edipiana, mas na análise de um significante que ultrapassa a personagem e seu autor. Quando o nome “de la Souche” aparece na primeira cena, ele se torna objeto de escárnio do amigo Chrysalde porque alude a esse desejo insensato dos burgueses de pertencer à aristocracia.

Indo além deste sentido, tentando sair desta interpretação social que revelava uma prática comum no século XVII^o para arrancar um outro sentido, limitamos a leitura “edipiana” a **uma** personagem e preservamos a originalidade da *Escola das Mulheres*, que decorre da articulação ao mesmo tempo harmoniosa e ambígua entre os dois níveis de fala na mesma personagem, que se contrapõe a uma verdadeira intriga amorosa.

Mas a própria limitação da interpretação edipiana a uma só personagem permite também reunir as outras leituras, o que demonstra sua riqueza.

O drama do marido enganado (le cocuage), visto como o maior fantasma a evitar por Arnolphe e que motivou declaradamente sua conduta com Agnès, constitui a unidade de ação visível da comédia, mas percebemos que, sob pretexto de fazer parte da aristocracia - a classe política mais reconhecida socialmente - Arnolphe escolhe, ou melhor, Molière escolhe um nome que, segundo a visão moralista ou psicanalítica, pode ser interpretado como incluindo as ambições libidinosas da personagem ou uma vontade de reviver um período da vida infantil.

Chegamos assim ao inconsciente de Molière? Determinamos assim uma pulsão ou um recalque do escritor? De jeito nenhum. Sem Jean-Baptiste Poquelin no divã, é impossível confirmar qualquer coisa que seja do inconsciente e estaremos entregues somente a hipóteses.

Lendo o significante “souche” na sua história, entramos não no inconsciente do dramaturgo, mas num espaço mais largo que é a linguagem, uma das componentes do Simbólico. Somos falados pela linguagem, sentencia Lacan, isto é, dizemos coisas sem saber porque a linguagem com toda a sua bagagem nos faz dizer o que não queremos ou nem pensamos, como por exemplo nos lapsos ou nas associações no divã.

Não se trata do inconsciente freudiano, que tem a ver com nossa vida singular de pulsões e desejos, mas do inconsciente lacaniano que o inclui e vai muito além. Se Lacan

parte do significante e não do Édipo, da forma das palavras e não do conteúdo, “de la Souche” e não do complexo de Édipo, é porque acredita que a fonte das neuroses está no bloqueio de um significante com um significado (Juranville, 1984: 429)⁴.

Se a personagem Arnolphe fosse um ser falante e não uma máscara, diria que Arnolphe está bloqueado, sem saber ou inconscientemente, com sua origem. O fato de ter não recusado, mas duplicado seu nome de batismo que o colocava na sociedade civil ou religiosa, outra dimensão do Simbólico, e escolhido o nome “de la Souche”, revela ao mesmo tempo, sua pergunta fundamental, mas também seu desejo de resolver sua situação sexual, se distanciando do Simbólico que o cercava.

Quem intervém na escritura da peça e quem, portanto, tenta resolver sua situação sexual? Não é evidentemente a personagem, que é apenas porta-voz. Não é Jean-Baptiste Poquelin, que compartilha a autoria com Molière, embora sem prerrogativa particular. Será que é Molière visto como fruto de sua obra, junto com a cultura, portadora da linguagem?

ATINGIMOS O CERNE DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

O artista, e mais do que tudo, o escritor, se define por sua capacidade de, ao mesmo tempo, se moldar à linguagem e dominá-la. Entrar num processo de criação requer como primeira qualidade a passividade no sentido de paixão, de sofridão, de padecer da linguagem, deixar-se levar pela linguagem e aqui, pelas personagens. Este primeiro movimento fatalmente leva o artista a entrar em choque com a linguagem automatizada, espécie de simbólico estabelecido, isto é, uma linguagem bloqueada com o sentido fixo. A primeira cena da *Escola das Mulheres*, por exemplo, já goza da fidelidade no casamento, admitindo a associação natural da figura do marido enganado no casamento. O artista se distancia assim da instituição consagrada do casamento e encena a angústia de Arnolphe, o medo de ser enganado, o que motiva sua conduta com Agnès.

Em outras palavras, abalando o Simbólico no qual se baseia a sociedade religiosa e civil de sua época, Molière denuncia a perversidade da instituição do casamento, que produz homens como sua personagem. Mas o autor não vai muito mais além, já que ele se limita a interpretar “de la Souche” apenas como uma vontade de mudar de classe social.

Descobrimos, através da análise da duplicidade de nomes, que o autor, levado pela encenação e pela linguagem, ilustra não somente uma luta de gerações, como salientou Mauron, mas a luta universal do adulto com a criança que cada um mantém dentro de si, isto é, uma

4 “La théorie du signifiant a induit Lacan au-delà du complexe d’Oedipe comme structure fondamentale, vers un inconscient qui n’est pas refoulé”.

luta com a vida não resolvida de desejos e pulsões. Barrado por essa vida parada, o desejo fundamental, isto é, a ordem essencial do inconsciente: Goza!, não pode ser executada nem o desejo fluir livremente.

Isto explica porque a maioria do público toma partido de Arnolphe, já que ele reflete melhor a complexidade do homem, do que as outras personagens mais tipificadas oriundas da Commedia dell'arte.

ULTRAPASSAMOS O COMPLEXO DE ÉDIPO?

Não, se identificarmos o complexo a um desejo de incesto com a mãe, o que de fato quer o sujeito Arnolphe infantilizado que tem por nome “de la Souche”, através de Agnès.

Sim, se aceitarmos que a vida inconsciente deste período emprestada à personagem pelo autor, decorre do uso de um significante que remete a sentidos não-sabidos, significante que, usado como uma máscara, revela à revelia do autor e da personagem, um espaço bloqueado. Assim entendemos que o Édipo deve ser considerado apenas como um “biombo”, um tapa-burraco que evita aprofundar a relação equivocada de Arnolphe com “de la Souche”.

“de la Souche”, temendo ser enganado por uma esposa “possível”, vivendo o ciúme (Lefort, 1981:116)⁵ de um marido virtual, aprende com Agnès que ele não é nada para ela, no Ato V, Cena.4:

“com você, o casamento é doloroso e deplorável v.1116
E seus discursos fazem dele uma imagem terrível
Mas ele, infelizmente, ele vive tão cheio de prazeres no casamento,
Que acaba por criar o desejo de se casar”⁶

e aí começa a esvaziar como um balão furado o sentido colocado sem saber pelo autor em “de la Souche”.

Um pouco depois na sétima cena, acreditando que Oronte destina seu filho Horace para um outra mulher, Arnolphe não dá mais importância em ser chamado “de la Souche”,

5 “la jalousie, c’est la question que le sujet pose à l’Autre de ce qu’il est lui-même pour cet Autre et non plus comme l’invidia, la question de l’objet de l’Autre qui satisfait l’Autre”.

6 Tradução de Cristiane Grando de
“Chez vous le mariage est fâcheux et pénible v.1116
Et vos discours en font une image terrible
Mais las! il le fait, lui, si rempli de plaisirs,
Que de se marier il donne des désirs”.

WILLEMART, Philippe. *Um conflito de memórias: A memória singular em luta com a memória cultural (Leitura da Escola das Mulheres de Molière)*

como se houvesse uma aceitação de “de la Souche” por Arnolphe, como se houvesse uma integração da criança no adulto, ou, como se o estratagema do duplo nome não servisse mais. Ele não precisa mais deste nome para cobrir seu desejo, como se pudesse o revelar para todos.

Mas logo, a verdade sobre a origem de Agnès, - filha adultéria da irmã de Chrysalde, escondida no interior pelo marido Enrique -, mostra o quanto Arnolphe foi enganado desde que a adotou. Acreditava poder criar a menina para casar com ela, mas se dá conta que seu desejo estava construído sobre uma ilusão. Se tivesse sabido isto desde o começo, não teria forjado esse casamento com a filha de um amigo.

Em suma, o significante “de la Souche” esvaziou de vez e retomou seu lugar na linguagem como uma palavra qualquer. Não havendo mais bloqueio nesta palavra ou não havendo mais uma memória singular ligada a esta palavra, o desejo podia correr solto de novo.

RESUMÉ: *La conception de l'inconscient de Lacan englobe l'inconscient freudien et permet de dépasser les lectures réductrices des oeuvres littéraires comme nous le proposons pour l'analyse de L'École des femmes de Molière. La pièce révèle un conflit de mémoires où l'une, celle d'un personnage, est bloquée sur un mot que le déroulement de l'intrigue vide peu à peu afin que cette mémoire singulière et malade réintègre la mémoire culturelle.*

MOTS-CLÉS : *Molière, Oedipe, Langage, Mémoire, Inconscient*

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. 1923. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. (1905). Paris, Gallimard.

FRIEDRICH, Hugo. 1968. *Montaigne*. Gallimard.

JURANVILLE, Alain. 1984. *Lacan et la philosophie*. PUF

LACAN, Jacques. (inédito). 1974-1975. *Le Séminaire. Livre XXII. RSI*.

LACAN, Jacques. 1991. *Le Séminaire. Livre III. Les psychoses*. Paris, Seuil.

LACAN, Jacques. 1994. *Le Séminaire. Livre IV. La relation d'objet*. Paris, Seuil.

LAPLANCHE, Jean e Pontalis J-B. 1973. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris, PUF

LEFORT, Claude. 1981. *La naissance de l'Autre*. Paris, Seuil

MAURON, Charles. 1964. *Psychocritique du genre comique*. Paris, Corti.

THOM, René. 1983. *Paraboles et Catastrophes*, Paris, Flammarion.

SIBONY, Daniel. 1992. *Le peuple "psy"*. Paris, Balland.

SÓFOCLES. 1988. *Édipo-Rei*. Paris, Gallimard

WILLEMART, Philippe. 1995. *Além da Psicanálise: a Literatura e as Artes*. São Paulo, ed. Nova Alexandria.